



MARCEL, O AÇOUGUEIRO, E A ROUPA ESPIRRADA DE SANGUE

Lucas Ferreira Rodrigues

Eles ficam no meio da cidade. O sangue corre pelas ruas; coagula sob seus pés, e os sapatos se tingem de vermelho. Ao passar, você é repentinamente atingido por um grito agonizante. Um novilho é atirado no chão, seus chifres são amarrados; um malho pesado quebra o crânio dele; um facão enorme penetra até o fundo de sua garganta; seu sangue desprendendo vapor escoa-se com sua vida numa densa corrente. [...] Então braços ensanguentados mergulham em suas entranhas fumegantes; seus membros são retalhados e pendurados para a venda. Por vezes o novilho, atordoado mas não derribado pelo primeiro golpe, rompe as cordas e escapa furiosamente da cena, dizimando tudo pelo seu caminho. [...] E os açougueiros que correm atrás de sua vítima fugitiva são tão perigosos quanto ela. [...] Esses açougueiros têm aparência violenta e sanguinária: braços nus, pescoços intumescidos, os olhos vermelhos, as pernas imundas, os aventais cobertos de sangue, carregam junto consigo seus grandes cacetes sempre dispostos a uma briga. O sangue que espalham parece inflamar seus rostos e temperamentos. [...] Nas ruas próximas aos matadouros, um odor cadavérico paira pesadamente no ar; e prostitutas vulgares – coisas gordas, enormes, monstruosas sentadas na rua – expõem sua devassidão em público. Estas são as beldades que aqueles carnicheiros acham encantadoras (DARNTON, 1990, p. 31)¹

Além da elite intelectual burguesa, do famoso conflito entre os advogados e políticos revolucionários Danton e Maximilien Robespierre (“o incorruptível”), um povo simples pertenceu a França da Revolução Francesa. Marcel (1752-1821) foi um personagem dessa história.² Um açougueiro que, em idade madura, viveu os densos anos da queda do Antigo

¹ O trecho selecionado é uma descrição dos matadouros de Paris feita apenas alguns anos antes da Revolução Francesa pelo dramaturgo Louis Sébastien Mercier. Robert Darnton trouxe uma testemunha daquele tempo para lembrar-nos do caráter sangrento daquela época. “Mas, em comparação a nossos antepassados, nós vivemos num mundo onde a violência foi retirada de nossa experiência cotidiana. Os parisienses viviam passando por cadáveres pescados do Sena e pendurados pelos pés ao longo da margem” (DARNTON, 1990, p. 31)

² Para o historiador Odair Silva, o iluminismo serviu ideologicamente as três revoluções do século XVIII que operaram uma grande transformação econômica, social, política e cultural nas sociedades humanas, a partir da



Regime ao início da República. Não foi político profissional, mas foi “político” nas ruas.³ O Terceiro Estado, “o restante” depois do clero e da nobreza, agiu à sua maneira. Marcel agiu, existiu e resistiu à sua maneira.

A crise econômica e a desigualdade social separavam perucas suntuosas e banquetes de calções rasgados e fome. A população sobrevivia enquanto os nobres festejavam. Havia uma indignação burguesa. Havia estômagos roncando. Havia um sentimento de injustiça. Havia altos impostos. Havia murmúrios. Mais murmúrios. Reclamações. Mais reclamações. Uma revolução nasceu de estômagos famintos. Assim foi derrubada a Bastilha. Foi necessária bastante insatisfação. E Marcel estava insatisfeito.

A sua profissão garantia somente duas coisas: comida e repúdio. Nunca faltou carne em seu prato, por mais que faltasse todo resto. Por outro lado, a roupa espirrada de sangue e a aparência sisuda convidavam olhares tortos vindos da rua, da praça e das casas. Os açougueiros não eram bem-vistos pelas pessoas, especialmente pelos banqueiros, comerciantes e políticos, que achavam o trabalho deles nojento. “Açougueiros são violentos e sanguinários”⁴, pensavam. E Marcel se acostumou com esse preconceito. E Marcel não era só a roupa respingada de sangue, tampouco só um carrancudo. A sua posição dentro da sociedade não pressupunha, mas acomodava um generoso coração.

Marcel não era o verdadeiro carrasco. Ele matava animais, mas não condenava pessoas à guilhotina. Ele, na verdade, não era violento, nem sanguinário. Achava isso moralmente terrível. Só não achou tão terrível as cabeças dos reis e padres descoladas do corpo. Ele desconfiava dos homens e mulheres pomposos. Teriam eles um coração? Mas isso não significa que Marcel era carrancudo. Talvez estivesse irritado com *a vida como ela é*. O carmesim escorrendo pelas praças e calçadas, a cor e o cheiro do sangue em nenhum momento lhe causaram espanto, pois

consolidação do pensamento liberal, da sociedade industrial e do cientificismo. Podemos concordar com ele. Sim, a visão de mundo iluminista transcorreu às revoluções modernas. Mas, **neste texto ficcional**, é válido dizer, estou trabalhando em menor escala, usando uma expressão de Jacques Revel. A variação de escalas, da macro-história, o *background* teórico que uso para criar meu personagem, e a micro-história, de onde visualizamos a biografia de Marcel, é recomendada. “É preciso salientar – o que terei a oportunidade de tratar melhor mais adiante – que a escala micro não goza, a este respeito, de nenhum privilégio particular. É o princípio da variação de escala que importa, e não a escolha de uma escala peculiar de observação.” (REVEL, 2010, p. 438)

³ “Em suma, as identidades políticas não dependeram apenas da posição social; tiveram componentes culturais importantes.” (HUNT, 2007, p. 10. Apud. ARAÚJO, 2021). Por mais que Hunt não esteja se referindo a um açougueiro, um sujeito culto, ele pertencia à cultura. É isso que pretendo enfatizar. Não há muitos documentos sobre que descrevem especificamente a condição dos profissionais açougueiros, mas sabemos que ele era um trabalhador urbano, mal visto pela sociedade - como pode se observar na descrição de Louis Sébastien -, e que esteve em meio a um cenário de extrema tensão social e política. Esse contexto é a base da minha imaginação.

⁴ Releia a descrição que Louis Sébastien Mercier fez dos açougueiros citada no início do texto.



aquilo era do seu dia a dia. Não por insensibilidade; por costume. E a despeito do cenário mórbido de violência que se instituiu, quando podia, partilhava do seu novilho com o próximo.

À sua maneira, durante os seus anos de sua vida, Marcel encontrou em protestos públicos e, no privado, com o repartir de sua carne, a sua forma de dizer *liberté, égalité et fraternité*. Os conceitos “república” e “republicanismo” não compuseram o seu vocabulário, porém, um novo *horizonte de expectativas* se abria diante dele.⁵ Os seus dias tornavam-se, assim, um pouco mais vermelhos, repetindo o matiz de suas jornadas de trabalho, azul e branco. Não aprendeu a *La Marseillaise*, mas o tempo, que passava por uma época intensa, dava um compasso novo ao cotidiano. Marcel não sabia a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Sabia, contudo, no fundo do coração, sabia, que o matadouro francês ainda iria alimentar muita gente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, George Zeidan. HUNT, Lynn. **Política, cultura e classe na Revolução Francesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11856>> Acessado em: 07/06/2021.

CHARTIER, Roger. As revoluções têm origens culturais? In: As origens culturais da Revolução Francesa. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

DARTON, Robert. O beijo de Lamourette. In: O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HUNT, Lynn. Introdução: uma interpretação da Revolução Francesa. *Política, cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007: 21-37.

KOSELLECK, Reinhart. Espaço de experiência e horizonte de expectativas. In: Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos, Contraponto, Rio de Janeiro, 2006, p. 311-337.

REVEL, Jacques. “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”. Tradução de Anne-Marie Milon de Oliveira. Revista Brasileira de Educação, vol. 15, no 45, set.-dez. 2010, p. 434-444.

⁵ O espaço de experiência estava em transformação. Marcel sentia as mudanças culturais e sociais, mesmo que não soubesse expressá-las bem. Isso certamente provocava novas expectativas quanto ao futuro.



SILVA, Odair Vieira. As grandes revoluções do século XVIII e o Iluminismo. A Revista Científica Eletrônica do Curso de Licenciatura em Pedagogia - FAEF e Editora FAEF. Ano XVII – Número 30 – janeiro de 2018.



Lucas Ferreira Rodrigues

Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor de História no ensino fundamental e médio. Áreas de interesse: Teoria da História, Didática da História, História intelectual e das Ideias.